

Análise das internações por acidente vascular encefálico em adultos jovens entre 2017 e 2021 no estado da Paraíba

Analysis of hospitalizations for stroke in young adults between 2017 and 2021 in the state of Paraíba

Análisis de las internaciones por accidente cerebrovascular en adultos jóvenes entre 2017 y 2021 en el estado de Paraíba

Recebido: 27/08/2022 | Revisado: 20/09/2022 | Aceitado: 12/10/2022 | Publicado: 16/10/2022

Josefa de Freitas Asselino

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7630-9536>

Faculdade São Francisco da Paraíba, Brasil

E-mail: neta-freitas@bol.com.br

Joseanne Maria Xavier de Albuquerque Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0613-5446>

Centro Universitário Brasileiro, Brasil

E-mail: joseannexavierlb.silva@gmail.com

Cristina Maria Oliveira Martins Formiga

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5444-5107>

Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, Brasil

E-mail: tinhaformiga@hotmail.com

Mariana Abucater Couto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6006-2444>

Centro Universitário Metropolitano da Amazônia, Brasil

E-mail: marianafamaz@gmail.com

Anna Luiza Fonseca Siqueira da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7985-5006>

Centro Universitário Metropolitano da Amazonia, Brasil

E-mail: anna.luiza.9@hotmail.com

Isabela Blosfeld Mansour

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9211-3122>

Centro Universitário Metropolitano da Amazônia, Brasil

E-mail: isabela_blosfeld@hotmail.com

Rodrigo Daniel Zanoni

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7641-2851>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil

E-mail: drzanoni@gmail.com

Italo Wendel Dutra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2177-5396>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: italowendel1313@hotmail.com

Francisco Ronner Andrade da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2216-4271>

Faculdade São Francisco da Paraíba, Brasil

E-mail: ronner_andrade@hotmail.com

Enyedja Kerlly Martins de Araújo Carvalho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3031-5922>

Faculdade São Francisco da Paraíba, Brasil

E-mail: enyedjakerlly@fsf.edu.br

Resumo

O Acidente Vascular Encefálico (AVE), corriqueiramente denominado chamado de derrame cerebral, é caracterizado pela interrupção do fluxo sanguíneo para o cérebro, decorrente do entupimento ou rompimento de vasos sanguíneos encefálicos. O objetivo desse estudo é analisar o número de internações por AVE em adultos jovens no estado da Paraíba no período entre 2017 e 2021. Método: Trata-se de uma pesquisa quantitativa, baseada em um estudo epidemiológico e retrospectivo, realizado no estado da Paraíba, possui caráter empírico, descritivo e documental. Os dados utilizados são oriundos do Sistema de Informação Hospitalar (SIH), a partir de dados secundários retirados da base pública e nacional do Portal de Saúde do sistema intitulada DATASUS, em uma análise mensal de internação hospitalar por AVE em adultos jovens no estado da Paraíba, registrados no período de 2017 a 2021. Os resultados apresentados indicam que, o aumento de idade atua como fator de vulnerabilidade para a ocorrência de AVE e que as mulheres são, proporcionalmente, mais afetadas pelo AVE que os homens. Em ambos os sexos, a faixa etária de maior prevalência está entre 40 e 49 anos e a taxa de menor incidência está entre 20 e 29 anos. Foi visto também um crescimento no

número de internações durante os anos analisados. Conclui-se então que, os resultados deste estudo auxiliam no entendimento do comportamento das internações por AVE no estado da Paraíba. Espera-se que o cenário apresentado possa auxiliar na construção de futuras investigações, na tomada de decisão diante do controle da incidência de AVE e de suas estratégias de enfrentamento da doença prevenção.

Palavras-chave: Acidente vascular encefálico; Adultos jovens; Epidemiologia.

Abstract

The Cerebrovascular Accident (CVA), commonly called stroke, is characterized by the interruption of blood flow to the brain, due to the blockage or rupture of brain blood vessels. The objective of this study is to analyze the number of hospitalizations for stroke in young adults in the state of Paraíba in the period between 2017 and 2021. Method: This is a quantitative research, based on an epidemiological and retrospective study, carried out in the state of Paraíba, has an empirical, descriptive and documentary character. The data used come from the Hospital Information System (SIH), from secondary data taken from the public and national database of the system's Health Portal entitled DATASUS, in a monthly analysis of hospitalization for stroke in young adults in the state of Paraíba, recorded from 2017 to 2021. The results presented indicate that increasing age acts as a vulnerability factor for the occurrence of stroke and that women are proportionally more affected by stroke than men. In both sexes, the most prevalent age group is between 40 and 49 years old and the lowest incidence rate is between 20 and 29 years old. It was also seen an increase in the number of hospitalizations during the years analyzed. It is concluded then that the results of this study help to understand the behavior of hospitalizations for stroke in the state of Paraíba. It is expected that the presented scenario can help in the construction of future investigations, in the decision making in face of the control of the incidence of CVA and of its strategies to face the disease prevention.

Keywords: Stroke; Young adults; Epidemiology.

Resumen

El Accidente Cerebrovascular (ACV), comúnmente llamado ictus, se caracteriza por la interrupción del flujo sanguíneo al cerebro, debido a la obstrucción o ruptura de los vasos sanguíneos cerebrales. El objetivo de este estudio es analizar el número de internaciones por accidente cerebrovascular en adultos jóvenes en el estado de Paraíba en el período comprendido entre 2017 y 2021. Método: Se trata de una investigación cuantitativa, basada en un estudio epidemiológico y retrospectivo, realizado en el estado de Paraíba, tiene un carácter empírico, descriptivo y documental. Los datos utilizados provienen del Sistema de Información Hospitalaria (SIH), de datos secundarios tomados de la base de datos pública y nacional del Portal de Salud del sistema denominada DATASUS, en un análisis mensual de hospitalización por accidente cerebrovascular en adultos jóvenes en el estado de Paraíba, registrado a partir de 2017 a 2021. Los resultados presentados indican que el aumento de la edad actúa como un factor de vulnerabilidad para la ocurrencia del ictus y que las mujeres son proporcionalmente más afectadas por el ictus que los hombres. En ambos sexos, el grupo de edad más prevalente se encuentra entre los 40 y 49 años y la tasa de incidencia más baja se encuentra entre los 20 y 29 años. También se observó un aumento en el número de hospitalizaciones durante los años analizados. Se concluye entonces que los resultados de este estudio ayudan a comprender el comportamiento de las hospitalizaciones por accidente cerebrovascular en el estado de Paraíba. Se espera que el escenario presentado pueda ayudar en la construcción de futuras investigaciones, en la toma de decisiones frente al control de la incidencia del ACV y de sus estrategias para enfrentar la prevención de la enfermedad.

Palabras clave: Ictus; Adultos jóvenes; Epidemiología.

1. Introdução

O Acidente Vascular Encefálico (AVE), corriqueiramente denominado de derrame cerebral, é caracterizado pela interrupção do fluxo sanguíneo para o cérebro, decorrente do entupimento ou rompimento de vasos sanguíneos cerebrais (Araújo et al., 2016).

Para Medeiros et al. (2017), trata-se de uma síndrome neurológica aguda, de origem vascular, com início rápido e súbito, ocasionada por uma interrupção do fluxo sanguíneo para áreas focais do encéfalo, com capacidade para ocorrer de forma isquêmica (AVEi), ataque isquêmico transitório (AIT) e hemorrágica (AVEh). O AVE apresenta estabilidade a partir de um período de 24 horas em média, podendo resultar em óbito por causa vascular e até mesmo, sem causa notória. Se não houver sangue para fornecer oxigênio e remover os coágulos, as células cerebrais começam a entrar em necrose.

Conforme Lacerda et al. (2018), o AVE é a segunda maior causa de morte e incapacidade adquirida em todo o mundo, superado apenas pelas doenças cardíacas. O Brasil é o país da América Latina onde a doença fica em primeiro lugar como a maior causadora de morte e incapacitação.

Conforme Ferreira et al. (2018), o AVE se destaca no Brasil como a principal causa de hospitalização e mortalidade, levando cerca de 90% das pessoas a algum tipo de disfunção, parcial ou total, em alguma parte do corpo, dependendo da extensão da lesão e da área afetada do cérebro. Entre as principais sequelas apresentadas pelos indivíduos que sofreram AVE, destacam-se a falta de equilíbrio e a alteração da mobilidade.

No Brasil, um país em desenvolvimento, os adultos jovens são mais vulneráveis a doenças crônicas pelo padrão de vida adotado, sendo assim, o AVE não é mais considerado uma doença da pessoa idosa, como acontecia há alguns anos. No adulto jovem, entre vinte e quarenta anos, o AVE ocorre quando o fluxo sanguíneo dos vasos locais é obstruído por um coágulo, trombo, pela pressão de perfusão cerebral insuficiente ou pela ruptura da parede de um vaso sanguíneo (Ferreira, 2014).

Araújo et al. (2017) referem que o AVE no adulto jovem vem aumentando a cada década e tem como fatores associados a hipertensão arterial sistêmica (HAS), diabetes mellitus (DM) sedentarismo e obesidade, além do uso de contraceptivos orais. O tabagismo, dislipidemias e enxaqueca são os fatores associados com maior influência sobre a ocorrência do AVE, principalmente em mulheres acima de 35 anos.

Os fatores de risco para o desenvolvimento do AVE são divididas em variáveis e invariáveis. Os fatores considerados variáveis são aqueles que podem ser parcial ou totalmente alterados, principalmente por mudanças nos hábitos de vida, incluindo hipertensão arterial, doenças cardíacas, tabagismo, alcoolismo, obesidade, sedentarismo e dieta inadequada. Para os fatores considerados invariáveis, está a idade acima de 55 anos, raça/etnia, gênero, histórico familiar, entre outros. (Brasil, 2016).

No Brasil (2020), as condições determinantes para o AVE estão ligadas diretamente aos fatores de risco modificáveis, relacionados aos hábitos de vida como, hipertensão, sedentarismo, problemas cardiovasculares (principalmente em casos de fibrilação atrial), diabetes, fumo, hipercolesterolemia, uso excessivo de álcool e histórico de ataque isquêmico transitório e os não modificáveis, ligados à predisposição genética.

Os principais sinais e sintomas são o formigamento ou fraqueza na face, ou braço, especialmente em um lado do corpo, confusão mental, alteração da fala, desvio da rima labial, dor de cabeça súbita, intensa e sem causa aparente (Brasil, 2020).

Conforme Alves (2020), trata-se de uma doença grave, que deixa diversas sequelas, dentre elas, a presença da hemiparesia ou hemiplegia, que afeta o equilíbrio e conseqüentemente a mobilidade física da pessoa, assim como a força muscular insuficiente, acrescida de prejuízo neuromuscular, que prejudica ou até mesmo impossibilita tarefas simples do dia a dia, como manter-se sentado, passar de sentado para de pé e deambular.

Por se tratar de uma doença clinicamente definida, permite captar dados e seguir tendências em incidência ou taxas de internação hospitalar em diversos países, independentemente do acesso ao equipamento tecnológico. Faz-se necessária a constante publicação científica nas diversas áreas da saúde, considerando pela demanda de serviços, doenças, novos agravos a saúde, evoluções diagnósticas e tratamentos atuais que requerem uma constante busca através de pesquisas. As publicações na área de saúde são de grande valia, pois denotam a principal forma de construção de um sistema de saúde mais viável baseado em evidências.

Dada à importância da temática e tendo em vista que o AVE é um evento potencialmente prevenível, diferentemente do hemorrágico, ele será utilizado nas estimativas dos indicadores de internações hospitalares por adultos jovens na Paraíba, entre os anos de 2016 e 2020.

A escolha do presente tema se deve ao aumento da mortalidade por doenças cerebrovasculares ao longo dos tempos, e por ser uma das principais causas de morte e incapacidade em todo mundo, tornando assim uma questão de saúde pública. Como também pelo aumento do AVE em adultos jovens, o que vem sendo demonstrado em estudos recentes. Surgindo assim, a necessidade de investigar a ocorrência das internações por adultos jovens na Paraíba, fato este justificado pela ausência de pesquisa no local em estudo. Sendo assim, tem-se, por problema da pesquisa, o seguinte questionamento: Existe um aumento no número de internações por AVE em adultos jovens no Estado da Paraíba, no período de 2016 a 2020? Para tanto, objetivou-se

analisar o número de internações por Acidente Vascular Encefálico em adultos jovens no estado da Paraíba no período entre 2017 e 2021.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo epidemiológico, retrospectivo, realizado no estado da Paraíba, Brasil. Possui caráter empírico descritivo documental. Conforme Xavier (2010), a pesquisa empírico-descritiva é aquela que intenciona observar o fenômeno, descrevê-lo, registrar suas características, mensurá-lo, classificá-lo, sem que haja qualquer interferência do pesquisador nesse processo. E, de acordo com Gil, (2002), a pesquisa documental se dá pelo tipo de procedimento utilizado para coleta de dados, ou seja, compreende a pesquisa elaborada a partir de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico.

A pesquisa foi realizada a partir de dados secundários retirados da base pública e nacional do Portal de Saúde do sistema intitulado DATASUS. Ressalta-se que esse sistema pertence ao departamento de informática do Sistema Único de Saúde (SUS), que armazena e processam as informações das atividades desenvolvidas no SUS, necessárias para a organização, planejamento e avaliação do sistema, de acesso livre e universal para internações por AVE Isquêmico e Hemorrágico, registrados no período de janeiro de 2017 a dezembro de 2021 e coletados em abril de 2022.

A população do estudo foram os adultos jovens enquadrados no capítulo X do CID-10, grupo de doenças circulatórias. A amostra foi constituída pelo número de internações por AVE no Estado da Paraíba, em uma análise mensal para o período em estudo.

Os dados foram extraídos online em formato de planilha eletrônica, dispensando a utilização de instrumento de coleta de dados, cabendo ao pesquisador a estruturação e organização destes para análise.

Como critérios de inclusão, foram utilizados os pacientes internados por AVE, durante o período em análise, notificados no DATASUS com idade entre 20 e 49 anos e residentes da região pesquisada. Como critérios de exclusão, definiu-se pacientes com confirmação laboratorial da área de estudo e Idade inferior ou superior a analisada neste estudo.

Na análise estatística foram realizadas inferências acerca dos resultados obtidos no intuito de traçar um panorama da realidade da área de estudo na tentativa de disponibilizar informações relevantes às Secretarias Municipais de Saúde.

Para dar suporte ao estudo, utilizaram-se os seguintes softwares: Microsoft Excel e a Microsoft Word, para formatar as tabelas geradas nos programas utilizados no estudo.

Foram utilizados dados de publicização de documentação oficial de domínio público. Como não se trata de pesquisa direta com seres humanos, é dispensado o encaminhamento ao Comitê de Ética e Pesquisa Científica (CEP).

3. Resultados

Na atualidade, o número de pessoas com incapacidade devido ao AVE chama a atenção, o que deve ser visto como um problema prioritário de saúde pública (Medeiros, 2017). O aumento do AVE em adultos jovens desperta o interesse da comunidade acadêmica, uma vez que sua ocorrência representa, negativamente, um fator de impacto individual e socioeconômico. Percebe-se que os casos de AVE se comportam de forma assimétrica ao longo dos anos (Tabelas 1 e 2). Os anos de 2020 e 2021 apresentaram a maior taxa registrada para o período, com um total de 324 casos para o sexo masculino e 341 casos para o sexo feminino. Com pequenas variações nos anos anteriores, a tendência do número de internações foi de alta, somando um total de 1206 hospitalizações no período pesquisado.

Tabela 1– Distribuição de casos de internação de AVE em adultos jovens do sexo masculino por faixa etária.

Ano	Faixa Etária			Total	%
	20-29	30-39	40-49		
2017	13	27	42	82	14%
2018	12	17	40	69	12%
2019	17	22	93	132	22%
2020	20	39	86	145	24%
2021	23	40	108	171	28%
Total	85	145	369	599	100%

Fonte: DATASUS (2022).

Tabela 2– Distribuição de casos de internação de AVE em adultos jovens do sexo feminino por faixa etária.

Ano	Faixa Etária			Total	%
	20-29	30-39	40-49		
2017	10	21	44	75	12%
2018	8	22	38	68	11%
2019	17	37	69	123	20%
2020	17	44	118	179	29%
2021	15	36	111	162	28%
Total	67	160	380	607	100%

Fonte: DATASUS (2022).

Dentre os resultados, destaca-se que o sexo feminino apresentou a maior incidência de AVE com 607 casos, a maioria destes relativos à faixa etária entre 40 e 49 anos (380), seguido da faixa etária entre 30 e 39 anos (160 casos). O aumento de idade pode atuar como fator de vulnerabilidade para a ocorrência de AVE. Este comportamento pode ser observado entre as faixas etárias, como demonstrados nas tabelas acima. Cabe salientar que as mulheres entre 20 e 29 anos apresentaram menos internações (67 casos) em relação à faixa etária entre 40 e 49 anos.

A prevalência dos casos por ano tem aumentado, tendo seu pico em 2020, com 179 pacientes do gênero feminino com AVE que corresponde a (29%) dos casos, tendo uma pequena redução no ano subsequente (162) casos, correspondendo a 27%.

Outro aspecto observado é que, entre 2017 e 2021, houve um aumento significativo no número de internações do sexo feminino, com maior destaque para o ano de 2020 com 179 casos. A população mais retratada na literatura envolve pessoas acima de 55 anos, porém, como demonstram as tabelas acima, vem crescendo cada vez mais a ocorrência de casos de AVE em pessoas mais jovens. Assim, como destacam Alves et al. (2020), a incidência do AVE em adultos com menos de 55 anos tem aumentado na última década, este estudo recente sugere que nas últimas décadas houve um aumento na incidência de AVE em adultos jovens com menos de 45 anos.

Esse aumento da incidência de AVE pode ser justificado pelos hábitos de vida cotidianos com o aumento do tabagismo, sedentarismo, obesidade, dentre outros, os quais são fatores de risco para doenças cardiovasculares. (Alves, 2020).

4. Discussão

O AVE em jovens é considerado um evento incomum, mas que não pode ser menosprezado. É evidente, no atual contexto, que alguns indivíduos estão cada vez mais expostos aos fatores de risco modificáveis para o AVE. Quase sempre, essas condições estão relacionadas ao estilo de vida. Doenças que antes só acometiam a população idosa, estão cada vez mais frequentes entre os jovens (Barbosa et al. 2014).

Sousa et al. (2010) relata que o AVE em adultos jovens, se dá em pacientes de 18 a 45 anos (estendível até 50 anos), é um evento dotado de excepcionalidade, o qual apresenta melhor prognóstico de sobrevida. Segundo a pesquisa de Correia et al. (2018), onde estudaram sobre a etiologia do AVE e relataram que os eventos em jovens correspondem de 5 a 20% do total de casos, fato que aumenta o número de hospitalizações em uma análise global deste cenário.

Para Alves et al. (2020) o AVE no adulto jovem vem aumentando a cada década, sendo de extrema importância que existam campanhas que promovam um estilo de vida saudável, com eficácia na prevenção do AVE no adulto jovem por meio de informação melhorada e precoce por parte de órgãos competentes como o Ministério da Saúde (MS) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), já que a doença afeta pessoas no mundo todo, para que assim a população mais jovem entenda os riscos de desenvolver um AVE, mesmo em uma idade considerada fora de risco.

Conforme os autores supracitados, no Brasil, um país em desenvolvimento, os adultos jovens são mais vulneráveis a doenças crônicas pelo padrão de vida adotado, sendo assim o AVE não é mais considerado uma doença da pessoa idosa, como acontecia há alguns anos. O impacto da enfermidade ao longo da vida vem carregando custos substanciais para a família do indivíduo e para a sociedade.

Para Regis et al. (2016) outro fator que pode estar relacionado ao AVE em jovens é o sedentarismo, pois a inatividade física e o tempo gasto com equipamentos eletrônicos, manuseados com frequência pelos jovens, favorecem o ganho de peso, a elevação dos níveis de colesterol, o aumento da pressão arterial sistêmica e da glicemia, podendo causar danos vasculares sérios ainda na juventude.

O jovem que enfrenta o AVE tem melhor prognóstico de sobrevivência do que pessoas com 50 anos ou mais, segundo Sousa-Pereira et al. (2010), o que não quer dizer que este grupo não está sujeito a altas taxas de morbimortalidade, outros eventos que decorrem dessa doença e sequelas físicas e emocionais que podem ficar em consequência. Além disso, os jovens adultos representam a população economicamente ativa, isso quer dizer, que além dos impactos físicos e emocionais do AVE, o impacto socioeconômico gerado pela limitação física que afasta o indivíduo do seu posto de trabalho pode acontecer cargo no trabalho.

Ainda segundo o estudo dos autores supracitado investigaram através da pesquisa bibliográfica o AVE onde analisaram e discutiram os fatores de risco desencadeadores em jovens até 50 anos. Concluíram a investigação em paciente que no momento do AVE estavam no grupo de pessoas com idade menor de 50 anos e em sua maioria, os pacientes apresentavam AVE no território da artéria cerebral média. Esta artéria é responsável pela irrigação da área motora e da linguagem, isso quer dizer que com certa frequência está lesão exige que os indivíduos após o tratamento hospitalar, passem por reabilitação física.

Justifica-se a prevalência dos AVE, em pessoas mais idosas, por ser o grupo com maior índice de hipertensão arterial, que se caracteriza como um fator de risco para o desenvolvimento deste episódio. Desta forma, identifica-se a necessidade das estratégias voltadas à prevenção das doenças e promoção da saúde para poder obter um controle mais efetivo (Nunes et al. 2017).

Os autores mencionam que tal fator, colabora para confirmação de que não existe uma necessidade de elaborar políticas públicas que sejam diretamente direcionadas a subpopulação, especificamente de homens e mulheres, no que direciona às terapêuticas e mudanças de comportamento. No entanto, ainda é necessário investigar de forma mais aprofundada as diferenças e similitudes inerentes à relação entre AVE e sexo, considerando as particularidades dos diferentes territórios nacionais.

Segundo Nunes et al. (2017), o AVE é uma doença que gera déficit funcional e cognitivo, mudança de personalidade ou comportamental e de comunicação. Estas sequelas decorrentes da doença geram níveis de incapacidades, comprometendo

não somente o paciente, mas a família e a comunidade. Portanto, pacientes nessa condição requerem cuidados intensivos em algum momento do período de hospitalização, sobretudo na emergência. Ressalta-se que quanto maior o número de necessidades afetadas do paciente, maior será a urgência de planejar a assistência, pois a sistematização das ações visa à organização, à eficiência e à validade da assistência prestada.

Quanto à incidência elevada nas mulheres, vai de encontro com o estudo de Jo et. al. (2022), que relata que este fato pode ser explicado pelo uso de contraceptivos orais e o crescimento do fumo entre as mulheres. Indo ao encontro do estudo de Farias e Almeida (2019), que detectaram as características epidemiológicas, clínicas e tratamento ofertado a jovens com AVE em um hospital público de referência no município de Fortaleza, no estado do Ceará. Relataram também, que para explicar a maior expressão feminina na pesquisa, os fatores de riscos habituais associados ao histórico familiar, HAS e o sedentarismo podem ter sido os principais causadores do AVE nessas mulheres.

Ainda sobre as faixas etárias, Xavier e Azevedo (2019) estimaram que 70% das mulheres entre 15 e 35 anos recorrem a método contraceptivo oral para regular suas taxas hormonais, fato que pode justificar o aumento das taxas de incidência de AVE. O período de maior fertilidade e o uso de anticoncepcionais orais combinados (AOC) na presença de hipertensão arterial podem aumentar o risco de AVE em mulheres jovens.

Indo de encontro a pesquisa de Jo et. al. (2022), entende-se que para as mulheres, além dos cuidados com os fatores de risco acima exposto, a prevenção de eventos trombolíticos associados ao uso de anticoncepcionais orais é de suma importância. Mulheres com fatores de risco adicionais como tabagismo e eventos tromboembólicos prévios, orienta-se a realizar um controle prévio das taxas de pressão arterial antes do início da contracepção hormonal. As mulheres que apresentam enxaqueca com aura, é recomendado o tratamento para reduzir os episódios de crises e, assim, conseqüentemente, reduzir as chances de ocorrência de AVE (Andrade, 2017).

Para tanto, torna-se necessária a adoção de mudanças no estilo de vida em ambos os sexos. Mas para que este alvo seja alcançado é necessário sensibilizar e educar a população na correção dos fatores de risco modificáveis, como também, dos riscos do não tratamento de doenças preexistentes como a hipertensão arterial sistêmica e o diabetes mellitus que quando não tratadas de forma correta aumentam a chance de desenvolver o AVE isquêmico ou hemorrágico.

É fundamental destacar a promoção do estilo de vida mais saudável com controle periódico e prevenção de HAS e dos demais fatores de risco para prevenir e diminuir a incidência de doenças cardíacas e assim evitar o AVE.

5. Conclusão

Com o intuito de analisar o número de internações por AVE em adultos jovens no estado da Paraíba, os achados da pesquisa apontam que as mulheres apresentaram, proporcionalmente, os maiores índices de internações. No que se refere as faixas etárias, os dados indicam que os índices de internações são influenciados, também, pelo processo de envelhecimento, sugerindo vulnerabilidades geracionais de adoecimento por AVE.

Ao término desta pesquisa, pode-se identificar que o AVE ainda se constitui como um grave problema de saúde pública. Apesar de ser uma doença considerada de ocorrência inesperada, existem estratégias de prevenção e promoção à saúde, por meio das quais é possível diminuir esta incidência, todavia, tais estratégias não são contempladas em sua integralidade.

Mesmo com a alta propagação de informações, conforme os achados da pesquisa, os casos de AVE estão distribuídos de forma assimétrica ao longo dos anos, com aumento no número de internações na faixa etária estudada a partir de 2017, sugerindo a necessidade de um melhor controle dos fatores modificáveis de adoecimento.

Desta forma, sugere-se a formulação de políticas públicas voltadas a este cenário, visando diminuir essas incidências, garantindo uma diminuição dos riscos e conseqüentemente do agravamento da doença.

O estudo apresenta limitações condicionadas ao seu desenho de pesquisa e à fonte de dados, sugere para a temática

estudos com recortes espaciais maiores assim como estudos locais, com capacidade de análise para os condicionantes de cada território, otimizando, assim, propostas de intervenção mais integras e adaptadas a cada realidade.

Referências

- Albuquerque, E., Florêncio, R. S., Moreira, T. M. M., de Lima, S. C. S., Mattos, S. M., & Ribeiro, D. C. (2020). Fatores de risco para acidente vascular encefálico em jovens: Uma comparação entre homens e mulheres. *Research, Society and Development*, 9(8), e824986503-e824986503.
- Araújo, J. B. de, Cirne, G. N. de M., Lima, N. M. F. V., Cavalcanti, F. A. da C., Cacho, Ênio W. A., & Cacho, R. de O. (2017). Sobrecarga de cuidadores familiares e independência funcional de pacientes pós-acidente vascular encefálico. *Revista De Ciências Médicas*, 25(3), 107–113. <https://doi.org/10.24220/2318-0897v25n3a2991>
- Alves, C. L., de Santana, D. S., & de Andrade Aoyama, E. (2020). Acidente vascular encefálico em adultos jovens com ênfase nos fatores de risco. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*. <https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/61>.
- Araújo, P. G. L., Soares de Souza, G., de Lucas Ribeiro Dias, P., Miranda Nepomuceno, R., & dos Santos Dias ColaC. (2017). Principais fatores de risco para o acidente vascular encefálico e suas consequências: uma revisão de literatura. *Revista Interdisciplinar Pensamento Científico*, 3(1). <http://reinpeconline.com.br/index.php/reinpec/article/view/155>
- Alves, C. L., Santana, D. S., & Aoyama, D. E. Acidente vascular encefálico em adultos jovens com ênfase nos fatores de risco. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*, 2(1), 2020.
- Andrade, K. V. Impacto do acidente vascular cerebral nas atividades de vida diária de mulheres em idade fértil. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.
- Barbosa, F. D. J., Barros, C. T. L., Silva, G. A., Melo, J. G., & Santos, E. F. S. (2014) Recuperação após Acidente Vascular Cerebral em adulto jovem submetido à fisioterapia alternativa. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, 2(6),1-3. <https://doi.org/10.16891/151>
- Brasil. Ministério da Saúde. Acidente Vascular Cerebral (AVC) .Brasília; 2012 . <http://www.brasil.gov.br/saude/2012/04/acidente-vascular-cerebral-avc>
- Brasil, Ministério da Saúde. AVC: causas, sintomas, tratamentos, diagnóstico e prevenção, 2017. <<http://portalms.saude.gov.br/saude-de-az/acidente-vascular-cerebral-avc>>.
- Brasil, Ministério da Saúde . Acidente vascular cerebral. 2020. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z-1/a/avc-o-que-e-causas-sintomas-tratamentos-diagnostico-e-prevencao>
- Ferreira, K.C. M., Almeida, A. M., & Nascimento, A. P. Efeitos da terapia por realidade virtual em pessoas que sofreram um Acidente Vascular Encefálico – revisão de literatura. *Arq. Catarin Med.* 47(3), 197-546, 2018
- Gil, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4a. ed.): Atlas, 2008.
- Jo, Y. J., Kim, D. H., Sohn, M. K., Lee, J., Shin, Y. I., Oh, G. J., Lee, Y. S., Joo, M. C., Lee, S. Y., Song, M. K., Han, J., Ahn, J., Chang, W. H., Kim, Y. H., & Kim, D. Y. (2022). Clinical Characteristics and Risk Factors of First-Ever Stroke in Young Adults: A Multicenter, Prospective Cohort Study. *Journal of personalized medicine*, 12(9), 1505. <https://doi.org/10.3390/jpm12091505>
- Lacerda, I. D., Brito, J. S., Souza, D. L., Júnior, W. L. C., & Faria, T. A. AVE Isquêmico em pacientes jovens sem fatores de risco: relato de caso. *Rev.Bra de Med.* 2018;97(3):361-67
- Medeiros, A. D. Perfil epidemiológico de eventos vasculares cerebrais em pacientes jovens internados em unidade de avc do hospital geral de fortaleza com ênfase em doença de fabry [monografia]. Fortaleza: Hospital Geral de Fortaleza; 2017.
- Regis, M. F., Oliveira, L. M. F. T., Santos, A. R. M., Leonidio, A. C. R., Diniz, P. R. B., & Freitas, C. M. S. M. (2016). Estilos de vida urbano versus rural em adolescentes: associações entre meio-ambiente, níveis de atividade física e comportamento sedentário. *einstein (São Paulo)*, 14(4), 461-467. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082016ao3788>
- Farias, F. N. Q., & Almeida, M. A. de. (2019). Características epidemiológicas, clínicas e tratamento ofertado a jovens com acidente vascular cerebral. *Saúde (Santa Maria)*, 45(1). <https://doi.org/10.5902/2236583436001>
- Correia, J. P., Figueiredo, A. S., Moniz Costa, H., Barros, P., & Veloso, L. M. (2022). Investigação Etiológica do Acidente Vascular Cerebral no Adulto Jovem. *Medicina Interna*, 25(3), 213–223. <https://doi.org/10.24950/rspmi/revisao/200/3/2018>
- Xavier, A. C. Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos. Recife: *Editora Rêspel*, 2010. P.177. Recife: Rêspel, 2010
- Xavier, B., T., Bueno, A. L. M., & Benetti, L. M.(2022). Acidente vascular cerebral em mulheres de 20 a 39 anos, no Rio Grande do Sul, para os anos de 2011 a 2020. *Revista Recien - Revista Científica De Enfermagem*, 12(37), 211–221. <https://doi.org/10.24276/rrecien2022.12.37.211-221>